

Construir a sustentabilidade a partir da infância

Maria Assunção Folque – Universidade de Évora

Fátima Aresta – Centro de Actividade Infantil de Évora

Isabel Melo – Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício

Introdução

O desenvolvimento sustentável está hoje na ordem do dia e reúne vastos consensos em torno de o tornar uma prioridade para a ação humana do século XXI. Em janeiro de 2016, as Nações Unidas acordaram em conjugar esforços e trabalhar de forma concertada com vista a alcançar, no ano de 2030, os dezassete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e assim: reduzir as desigualdades, erradicar extrema pobreza, acabar com a fome, melhorar as provisões de saúde e educação, alcançar a igualdade de género, proteger o meio ambiente e promover a paz, a justiça e a prosperidade (figura 1).

Os sinais de urgência são muitos. Recentemente em Portugal fomos todos confrontados pelos desequilíbrios sociais e ambientais, quando observámos os níveis de pobreza a aumentarem, a fome voltar a afetar as famílias mais vulneráveis, os serviços de saúde falharem na garantia de bem-estar a todos e, com os incêndios do verão de 2017, tornou-se uma evidência a necessidade de olharmos para o nosso ambiente, para as alterações climáticas e para as mudanças necessárias no ordenamento do nosso território. A consciência da nossa interdependência requer que adotemos uma visão sistémica para abordar os nossos problemas comuns e que nos envolvamos na construção de uma cidadania global para “*satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas necessidades*”(ONU, 1987).

Neste artigo apresentamos o trabalho que está a ser desenvolvido desde 2012 e em Portugal, no projeto *Construir a sustentabilidade a partir da infância*, um projeto que nasceu no seio de um projeto da Organização Mundial da Educação Pré-escolar (OMEP) e que a nível nacional, envolve a parceria entre a Universidade de Évora, o Centro de Atividade Infantil de Évora (CAIE), A Escola Básica Manuel Ferreira Patrício (EBMFP) e o Centro infantil Irene Lisboa (CIIL).

À educação cabe um papel inestimável na persecução dos ODS. Para criar um mundo mais justo, pacífico e sustentável os indivíduos e as sociedades devem estar equipados e capacitados pelo conhecimento, competências, atitudes e valores, bem como ter uma maior consciência sobre como conduzir tal mudança (UNESCO, 2014). É com esta consciência que a UNESCO publicou em 2016 o relatório “Repensar a Educação: rumo a um bem comum mundial?” no qual redireciona a educação e identifica, logo no seu primeiro capítulo, o Desenvolvimento Sustentável como uma preocupação central (UNESCO, 2016).

Por sua vez, a educação de infância (EI) tem um papel central quer nos ODS quer no relatório da UNESCO. Tal tem diversas ordens de razão. A primeira é porque há evidência de que investir (prestar atenção e agir) na infância é o maior garante de resultados sociais e económicos:

Resultados de pesquisas demonstram que intervenções precoces para crianças pequenas são essenciais não apenas para seu próprio bem-estar, também apresentam efeitos sustentáveis em longo prazo sobre o desenvolvimento de capital humano, a coesão social e o sucesso econômico (UNESCO, 2016, p. 49).

Sendo ainda as crianças os cidadãos mais novos, são estes que durante mais tempo poderão participar e influenciar o futuro. Assim são as crianças que melhor garantem a sustentação no tempo de práticas sustentáveis, num constante exercício de cidadania que se quer global.

Outra razão para direcionar a EDS para a infância é porque sabemos que as crianças são dos grupos sociais mais afetados pelos desequilíbrios sociais, económicos e ambientais. As crianças são, por exemplo, mais vulneráveis ao impacto de condições nocivas e representam 66% das vítimas de doenças induzidas pelo meio ambiente (UNEP, 2014). Intervir na infância torna-se assim prioritário.

O quarto dos ODS compromete-nos a trabalhar para - Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade e ainda promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos, estabelecendo que até 2030 todos os estados membros devem:

- assegurar-se de que todas as raparigas e os rapazes tenham acesso a um desenvolvimento, educação e educação de infância de qualidade para que estejam prontos para o ensino básico e
- garantir que todos os alunos adquiram os conhecimentos e as habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, incluindo, entre outros, através da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de género, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e apreciação da diversidade cultural e do contributo da cultura para o desenvolvimento sustentável.

Por último, a educação de infância é chamada a assumir um papel na construção da sustentabilidade promovendo a participação das crianças neste desígnio *global*. A concretização dos ODS dependerá não apenas do compromisso dos governos, mas também do envolvimento dos cidadãos. As crianças e os jovens são centrais neste apelo global de participação e a escola é essencial para dar a conhecer a nova agenda global, inspirar e incentivar as pessoas a participarem no desenvolvimento das comunidades. A participação das crianças torna-se assim um valor inestimável para alcançar os ODS. Tudo isto constitui um desafio para a educação de infância no sentido de repensar algumas das suas práticas ainda não alinhadas com a visão da criança como cidadã. Isto implica pensarmos na EI em como é que as crianças participam neste processo e apoiá-las a “desenvolver um efetivo sentido de participação numa comunidade habilitadora” (Bruner, 1996, p.109).

Temos aqui um esboço de currículo para a EDS na infância, que prosseguirei a desenvolver ao longo deste artigo.

A Organização Mundial para a Educação Pré-escolar e a educação para o desenvolvimento sustentável na educação de infância

A organização Mundial de Educação Pré-escolar (OMEP) tem, desde há uma década vindo a desenvolver um conjunto de projetos de investigação e de intervenção na área da EDS envolvendo países dos diferentes continentes. Estes projetos (figura 2) procuraram aumentar a consciencialização da Educação para o Desenvolvimento

Sustentável dos membros da OMEP, das crianças e da educação de infância em geral. A OMEP baseia a sua intervenção na escuta das crianças – o que sentem, o que pensam e como compreendem os fenómenos da vida, promovendo a sua participação na construção de um mundo melhor, encorajando projetos em jardins de infância e escolas que implementam a EDS.

O Projeto Education for Sustainable Development Rating Scale

No início de 2012 recebemos um convite da OMEP para integrarmos um projeto sobre a criação de materiais de EDS para professores. Este projeto teve como objetivo desenvolver um instrumento de investigação e de autorregulação de práticas de Educação para o Desenvolvimento Sustentável por parte dos profissionais de Educação de infância - Education for Sustainable Development Rating Scale (ERS-SDEC). Participaram neste projeto colegas de diversos países dos cinco continentes: Austrália, Chile, China, Etiópia, Quênia, Portugal, África do Sul, Noruega, Suécia, Turquia, Reino Unido, Coreia do Sul, Estados Unidos. O trabalho desenvolvido por investigadores, profissionais e crianças de diferentes realidades sociais, culturais, económicas e ambientais foi recentemente publicado no livro *International Research on Education for Sustainable Development in Early Childhood* (figura 3) (Siraj-Blatchford, Mogharreban & Park, 2016).

Observemos então a escala desenvolvida no projeto. A Escala da OMEP - ERS-SDEC utiliza os mesmos procedimentos metodológicos da Early Childhood Environment Rating Scale – Revised (ECERS-R) (Harms, Clifford and Cryer, 2005), ou em português, da Escala de Avaliação do Ambiente em Educação de Infância.

A escala ERS-SDEC pode ser utilizada por profissionais de educação de Infância para avaliar e regular a implementação de um *curriculum* na área da educação para o desenvolvimento sustentável e, assim, ajudar os educadores e as equipas a identificarem áreas prioritárias de intervenção. Ao ser utilizada por educadores na sua prática, a escala apoia e facilita a observação e o desenvolvimento curricular ao permitir a identificação de prioridades e objetivos, bem como a gestão de mudanças nas práticas. Este instrumento pode ser utilizado para ajudar as equipas em conjunto a refletirem sobre as suas práticas e a desenvolverem, em colaboração, formas de melhorar a sua qualidade sustentadas em processos de investigação.

Se a escala for utilizada para comparar de algum modo instituições ou salas, é necessário garantir a confiabilidade entre avaliadores. É importante que os utilizadores reconheçam a necessidade de uma validação externa e que as suas avaliações podem necessitar de serem ajustadas colaborativamente. Este processo pode ser feito através de: formação para a compreensão do modo de utilização da escala e dos seus objetivos; formação e treino que garanta uma interpretação comum da escala e dos seus descritores e critérios de qualidade (definições e diferenças culturais); em muitos casos, o recorrer a um ‘amigo crítico’ pode ser benéfico no sentido de apoiar e validar o processo.

Mais do que avaliar para comparar, este instrumento tem como objetivo fundamental o de provocar o questionamento e a tomada de consciência acerca do desenvolvimento sustentável nas suas diversas vertentes (cultural e social, ambiental e económica) e do papel que a educação de infância pode ter para o seu desenvolvimento.

A escala está organizada em 3 domínios - sustentabilidade social e cultural, sustentabilidade ambiental e sustentabilidade económica – que incluem um conjunto

de descritores organizados numa escala de qualidade entre os valores 1 e 7 sendo 1 - inadequado, 3 - mínimo, 5 - bom e 7 - excelente.

Uma análise de conteúdo dos descritores revela que estes incidem sobre diversas temáticas associadas a cada dimensão do DS:

- Sustentabilidade social e cultural - Inclusão e diversidade; estereótipos / igualdade de oportunidades; género, etnia, orientação sexual, religião; condição Humana (o que temos em comum); direitos humanos; interdependência;
- Sustentabilidade ambiental – ambiente; beleza natural; água de qualidade; saúde (práticas); cuidar de plantas e de animais; proteção ambiental;
- Sustentabilidade económica - consumo de água, eletricidade, papel; custos; poupança; reciclagem; compra e venda, custo-benefício; carências económicas; apoio a famílias com menos recursos.

Os descritores de cada domínio permitem ainda analisar diversos fatores da qualidade como: a qualidade dos espaços (condições estruturais) e o acesso; as políticas institucionais expressas no Projeto Educativo e em regulamentos; as práticas pedagógicas (ex: saídas, conversas, projetos, cuidar de..., reciclar); a qualidade e disponibilidade de materiais; as interações entre adultos e crianças e o envolvimento das famílias e da comunidade¹.

O projeto Construir a Sustentabilidade a partir da infância.

Em Évora, a participação no projeto da OMEP foi o ponto de partida para um projeto mais vasto que teve continuidade para além da construção da escala ERS-EDSEC e que denominámos *Construir a Sustentabilidade a partir da infância*.

O projeto situa-se no contexto da formação inicial de educadores de infância e professores do 1º CEB na Universidade de Évora, numa estreita colaboração com as instituições cooperantes da cidade. Assume-se assim como um projeto de desenvolvimento profissional de estudantes, educadores/as e professores/as desenvolvendo a dimensão investigativa da profissionalidade docente baseada em processos de análise, reflexão e intervenção apoiados por instrumentos validados e promovendo práticas de qualidade na área da EDS.

Desde o início em 2012 que estabelecemos a equipa em parceria com três instituições com experiência na área da EDS – o Centro de Atividade Infantil de Évora, o Centro Infantil Irene Lisboa e a Escola Básica Manuel Ferreira Patrício - que se constituíram como fonte de inspiração pelo seu trabalho nesta área. Estas instituições tinham já na altura uma prática explícita de EDS quer por serem Eco-escolas, quer por assumirem no seu projeto educativo a centralidade do DS.

A primeira fase do projeto (2012-13) centrou-se no desenvolvimento da escala ERS-EDSEC e contou com a participação de docentes da Universidade - Maria Assunção Folque e Vítor Oliveira, estudantes dos mestrados em Educação Pré-escolar e Educação Pré-escolar e Ensino do 1º CEB durante a Prática de Ensino Supervisionada (PES) - Rita Mirador, Inês Rocha, Ana Batista, Vera Sezões, Ana Jordão, e educadoras cooperantes – Fátima Aresta, Cláudia Peças, Conceição Canivete, Susana Reis, Isabel Melo, Ana Nunes. Durante esse ano fez-se a análise da 1ª versão da ERS-SDEC, realizaram-se entrevistas com as educadoras e foram acordadas propostas de revisão da escala para propor à equipa internacional. Duas estudantes dos mestrados

¹ OMEP ERS-SDEC em português em http://eceresourcebank.org/index.php?hCode=SCALE_03_01

utilizaram a escala em projetos de investigação-ação que deram origem a dois relatórios de estágio, um centrado na sustentabilidade social e cultural (Mirador, 2013) e outro na EDS de forma geral (Rocha, 2013). A primeira fase do projeto em Portugal é apresentada num capítulo do livro referido na figura 3 (Folque & Oliveira, 2016).

Depois desta primeira fase o projeto prosseguiu em Évora assumindo diversos desenvolvimentos:

Por um lado, a continuação de processos de investigação-ação no contexto dos estágios finais dos Mestrados (Fanica, 2015; Teixeira, 2015) estando neste momento três estudantes a desenvolver trabalho nesta área. Estes processos, porque enraizados em escolas e jardins de infância, têm permitido uma crescente sensibilização das instituições para a EDS, a mudança de práticas institucionais e até, num caso, o assumir por parte da Creche e Jardim de infância Mãe Galinha a adesão ao programa Eco Escolas. Ainda numa linha da investigação-ação, criaram-se também sinergias com um outro projeto da UE, em parceria com o Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, o projeto ID Natura, coordenado pela Professora Maria Ilhéu do Departamento de Ecologia.

A 11 de abril 2015 organizámos na Universidade de Évora o Seminário Internacional “Construir a Sustentabilidade a partir da Infância” (figura 4) onde contámos com a participação do Professor John Siraj-Blatchford da Universidade de Plymouth com a conferência *Education for Sustainable Development in Early Childhood: is it Enough to think Globally and act Locally?* Este seminário criou também a oportunidade de partilharmos com a comunidade académica e educativa o trabalho desenvolvido em Évora através de comunicações de educadoras das instituições parceiras (Aresta, 2015; Canivete, 2015; Melo, 2015), de alunas dos Mestrados em Educação Pré-escolar (Teixeira, 2015) e Educação Pré-escolar e Ensino do 1º CEB (Fanica, 2015) e ainda de professores destes mestrados (Folque, 2015; Oliveira, 2015).

Com o objetivo de alargar a formação de educadores/as e professores/as do 1º CEB a nível local e nacional, desenvolvemos workshops nos encontros da APEI do Porto e dos Açores em 2017 e concebeu-se uma oficina de formação creditada pelo CCPFC denominada – Construir a Sustentabilidade a partir da Infância – que irá ter a sua primeira edição a partir de janeiro de 2018.

A construção de uma cidadania global – YES we care, YES we can!

De que aprendizagens na infância estamos a falar quando falamos da construção de uma cidadania global? Em 2015, no contexto de um curso internacional de Verão que teve lugar na Universidade de Évora denominado *As Encruzilhadas do Desenvolvimento - O nosso mundo, a nossa dignidade, o nosso futuro* formulámos uma pergunta à Professora de Relações Internacionais Sakiko Fukuda-Parr, conhecida pelo seu trabalho como coordenadora e principal autora de alguns relatórios da Nações Unidas para o Desenvolvimento. Perguntámos o que é que na sua perspetiva seriam as experiências / aprendizagens mais importantes para uma criança de 4 anos, visando construir sustentabilidade. Depois de pensar durante um minuto sobre o que considerou ser uma pergunta difícil, ela respondeu: “*aprender a cooperar e a viver no espaço público*”. Esta sua reflexão remete-nos para a criança cidadã que, deste cedo, participa na vida da cidade e por tal, não só tem oportunidade de fazer parte de uma rede social de apoio e de recursos, como também se envolve na identificação de

problemas e na sua resolução. Não será demais realçar também a necessidade de adotar práticas educativas e pedagógicas democráticas, onde a cooperação se torna o modo de agir privilegiado, contradizendo algumas derivas de discursos para a educação e práticas quotidianas que realçam a competição e o trabalho individual como elemento estruturante do modo de aprender na escola. A ideia é que as crianças possam logo na infância ter oportunidades de aprender que lhes permita participar na construção dum mundo sustentável.

Assim, trata-se de apoiar as crianças a desenvolverem disposições de aprendizagem mas sobretudo de apoiar as crianças a uma cidadania ativa. Referimos como sendo fundamentais: a resiliência (Folque, 2014), a agência relacional e participação ativa, o pensamento crítico e a participação crítica e ainda o desenvolvimento moral e a responsabilidade (Folque, 2018) fundados na compreensão da condição humana (Morin, 1999). A identificação destas disposições de participação é baseada numa revisão de literatura sobre cidadania e sustentabilidade (Deakin Crick, 2005), mas também da reflexão que tem sido levada a cabo no âmbito deste projeto de investigação-ação.

As novas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016) que lamentavelmente não assumem claramente a EDS com uma centralidade curricular, apresentam nas entrelinhas uma perspetiva interessante em linha com a EDS e com os ODS. Desde logo nos seus princípios, nomeadamente, a garantia da aprendizagem de todas as crianças combatendo quaisquer desigualdades de oportunidades e, também, em toda a ênfase que é dada à participação da criança no seu processo educativo. É interessante notar que as OCEPE resgatam a palavra cuidado como componente fundamental da profissão docente; ao fazê-lo, no entanto, ela surge (re)significado colocado no campo de uma

“Preocupação ética que procura fundamentação do “estar uns com os outros” e envolve: prestar atenção (para reconhecer as necessidades dos outros); responsabilidade (assumir que o papel social que se desempenha e as escolhas que se fazem têm consequências nos outros); competência (ser capaz de adequar os cuidados às necessidades dos outros); responsividade (compreender o que é expresso pelos outros, encontrando resposta ao que desejam e não ao que se considera que deveriam pretender) (adaptado de Joan Tronto, 2005)” (p. 106)

Vemos com especial interesse que este cuidado se constitui também como uma aprendizagem explícita nas OCEPE para as crianças “...cuidados com os mais novos, apoio dos mais velhos” (p.28) e especificamente interligando a área do conhecimento do mundo com a área de formação pessoal e social.

“A abordagem ao Conhecimento do Mundo implica também o desenvolvimento de atitudes positivas na relação com os outros, nos cuidados consigo próprio, e a criação de hábitos de respeito pelo ambiente e pela cultura, evidenciando-se assim a sua inter-relação com a área de Formação Pessoal e Social.” (ME, 2016, p. 85)

Por outro lado, queremos realçar o facto das OCEPE assumirem uma perspetiva sistémica e ecológica que nos dias de hoje ganha novo significado. Assumindo claramente o trabalho com as famílias e a comunidade como central e a necessidade de se reconhecer as características do mundo atual e da qualidade de vida das crianças para assumir o/a educador/a como um/a profissional que responde aos desafios presentes, como: a diminuição das oportunidades de brincar e de relação com o

mundo natural e de lidar com o risco; a obesidade infantil; a conflitualidade baseada em preconceitos; a falta de tempo para conversar sobre assuntos significativos, a dificuldade de acesso a recursos básicos que deixam algumas crianças em situações de vulnerabilidade, a degradação ambiental, etc.). Isto significa que a ação educativa se exerce num contexto amplo que extravasa as paredes da sala e com uma rede de sustentação para que as crianças possam sentir e afirmar:

Sim, nós cuidamos! Sim, nós podemos! Yes we care! Yes we can!

Daremos conta, seguidamente, de algumas práticas desenvolvidas nas instituições em Évora e que exemplificam algumas das ideias centrais da EDS e que, apesar de não serem novas, ganham renovados sentidos nos quotidianos das instituições educativas por vezes instalados em rotinas estéreis. A escolha deste conjunto de práticas não dá conta de todo o trabalho desenvolvido no projeto no sentido da EDSEI mas realça duas ideias chave: a primeira tem a ver com a presença da criança no espaço público como requisito básico de uma pertença a uma rede de relações que cuidam e são cuidadas e que partilham recursos na busca de uma igualdade de acesso a bens comuns; a segunda ideia centra-se no empoderamento (empowerment) das crianças para a resolução de problemas, quer sejam problemas de natureza pessoal ou social, ou ainda de natureza ambiental ou económica.

A criança no espaço público e a utilização partilhada de recursos

Temos assistido a um afastamento das crianças do espaço público por via de uma crescente preocupação de adultos com a segurança infantil. Além disso, à medida que os carros ocuparam progressivamente o espaço público das cidades, as restrições à sua utilização pelos peões aumentaram, restringindo a fruição dos equipamentos. Apesar de haver já uma consciência considerável desta questão em alguns países ou cidades, em Portugal este ainda é um problema que afeta a vida das crianças e sua participação nos espaços públicos.

O Centro de Actividade Infantil de Évora – CAIE é uma IPSS situada num edifício de traça antiga no centro histórico de Évora e que desde a sua génese se deparou com alguns problemas de gestão de recursos para a sua sustentabilidade. As instalações são no 1º andar, tendo apenas um quintal no rés-do-chão que é utilizado para recreio. No CAIE a mobilização de recursos no exterior da instituição é hoje, mais que uma necessidade uma opção de qualidade em educação.

A escala ECERSEDS identifica como uma prática de nível Bom “As crianças usam regularmente serviços exteriores às instalações da escola (ex.: bibliotecas, hortas comunitárias, piscinas) e têm o apoio da comunidade nessas interações com o exterior” (item sustentabilidade social e cultural, ponto 5.4).

Utilização dos espaços verdes da cidade (figura 5) - Um exemplo de gestão de recursos comunitários é a utilização de espaços verdes externos à instituição, como é o caso do Jardim das Canas e do Jardim da Cartuxa. É lá que se organizam atividades que não se podem realizar na confinidade das instalações do CAIE. Para além do usufruto de espaços públicos com condições específicas e diversas, as crianças do CAIE aprendem a conhecer a cidade que é sua e pela qual se vão também sentindo responsabilizadas.

Horta no centro histórico - Quando o CAIE aderiu ao Programa Eco-escolas, a questão do espaço exterior tornou-se para toda a equipa uma prioridade e, em termos de auditoria ambiental, um dos aspetos que mais se evidenciava pela negativa. Foi

num conselho eco-escolas em que esteve presente a Sra. Vereadora da Educação que foram estudadas eventuais soluções e tomadas decisões.

A autarquia cedeu dois espaços que são hoje fundamentais na dinâmica de trabalho pedagógico no CAIE: Os Canteiros de ervas aromáticas no Alto de S. Bento e a Horta no centro histórico de Évora, que se situa a 300 metros do CAIE. Semanalmente as diversas salas deslocam-se à horta para cuidar e manter a horta. Ao percorrerem as ruas de Évora, com os materiais necessários para o trabalho na horta, as crianças constituem-se como embaixadores do programa Eco-escolas sensibilizando a comunidade envolvente. As crianças, mesmo as mais pequenas, aprendem a andar nas ruas com segurança, a observar os desafios que se colocam para, por fim, chegarem ao local onde vão passar a manhã a preparar a terra, semear, plantar, mondar, regar, colher... com a ajuda de especialistas nas coisas da terra; assim, aprendem que cuidar de seres vivos é uma tarefa exigente que requer tempo para se ver os resultados e que requer uma responsabilização pelo cuidado continuado.

Nos fins de semana as crianças levaram as famílias a visitar o espaço da horta e, a pouco e pouco, este espaço passou a ser utilizado para comemorações, festas de aniversário ou de despedida, ganhando vida e tornando-se um espaço verdadeiramente público.

Utilização da Biblioteca Pública - Na impossibilidade de terem uma biblioteca de qualidade dentro das suas instalações, a Biblioteca Pública de Évora constitui-se como uma excelente opção. As deslocações à biblioteca tornaram-se uma rotina e constituem, desde essa altura, mais uma possibilidade de interação com o meio envolvente. O espaço da biblioteca é um ambiente esteticamente muito impressionante e onde as regras de conduta e funcionamento são bem marcadas – o silêncio, o cuidado com os livros, como procurar livros neste mar de estantes, quantos livros podemos levar ... Para além de terem que interagir com pessoas diferentes esta permanência constante na cidade, usufruindo regularmente dos seus espaços públicos, oferece às crianças múltiplas oportunidades de interação com pessoas de várias idades e ocupações bem como com múltiplos espaços onde o questionamento e o espanto surge.... Os meninos do CAIE conhecem o mapa da cidade e têm uma plena consciência dos seus tesouros o que lhes permite chegarem a ser conselheiros dos turistas sobre o que visitar na cidade.

A experiência partilhada do CAIE enquanto parceira do projeto Construir a Sustentabilidade a Partir da Infância, no seio da comunidade das instituições para a infância em Évora, ajudou diversas instituições a reconsiderar a participação das crianças no espaço público não como um problema mas como uma necessidade. Nestes cinco anos do projeto temos observado uma mudança considerável na atitude dos profissionais e na frequência com que as crianças desde a creche, ao jardim de infância, até ao 1º CEB se envolvem em saídas na comunidade estabelecendo laços de conhecimento, aprendizagem e afeto entre as crianças e a comunidade, alargando as oportunidades de aprendizagem para além das paredes da sala, conhecendo os locais e monumentos do meio envolvente, reforçando laços intergeracionais e desenvolvendo assim o sentido de pertença à sua cidade, estabelecendo relações positivas com o outro em sociedade (Fanica, 2015).

Aprender sobre a diversidade humana e aprender a resolver problemas em conjunto

Segundo Morin (2000, p.20) “O ensino deve levar a uma antro-po-ética pela consciência de uma condição humana que é a de ser em simultâneo indivíduo, sociedade e espécie”.

Nesta secção pretendemos partilhar como podemos promover nas salas de EPE a compreensão da condição humana, realçando não só a diversidade mas também o que temos em comum. É com base nessa compreensão que podemos ajudar as crianças a falarem de si próprias e dos seus problemas, dos problemas que encontram nas suas vidas em sociedade e de como aprender a resolvê-los em conjunto. Os exemplos que se seguem referem-se a reuniões de conselho e aos projetos de intervenção.

A escala ECERSEDS identifica como uma prática de nível suficiente - “Os educadores e o restante pessoal chamam a atenção para os aspetos comuns da experiência humana, nomeadamente as suas necessidades, valores e desejos, comuns a todos os humanos” (Item Sustentabilidade social e cultural, ponto 3.2). Já a um nível de excelência identifica no ponto 7.3 “Os direitos universais, inerentes a toda a humanidade, são discutidos de forma aberta e regular, dentro da sala de aula.”

Os conselhos

As reuniões de conselho são uma componente fundamental da organização quotidiana do modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna², modelo este que procura viver com as crianças na escola uma cidadania democrática que nos acrescente em humanidade.

O dia no Jardim de infância no JI da EB Manuela Ferreira Patrício começa com o acolhimento das crianças em conselho e é aí que o grupo partilha as suas vivências, os seus questionamentos, os seus desejos, os seus modos de ser e de fazer, as suas condições familiares e o modo como vêem o mundo em que vivem (figura 6). O tempo de conselho é um tempo para o diálogo sério e sensível, aberto a diferentes perspectivas. Aqui surgem oportunidades para se conversar sobre os mais diversos assuntos da vida que envolvem preconceitos (ex: os rapazes e os bebés: atividades, roupas e comportamentos de meninos e meninas; ciganos e terroristas: bons ou maus?) hábitos saudáveis (ex: alimentação), conhecimento do mundo (ex: países, práticas culturais; a vida no campo; nasceram porcos - as necessidades dos animais pequenos; cemitérios e mortes; terrorismo; naufrágios; incêndios...).

No passado dia 16 do mês de outubro a conversa da manhã foi, inevitavelmente, sobre os incêndios que assolaram o país e que todos tinham visto pela televisão:

“Está tudo a arder...” disseram alguns..... e rapidamente a conversa alastrou.

Depois de partilharem o que tinham visto, de confrontarem os seus pontos de vista, de identificarem as possíveis razões para tal acontecimento “já não chove há muito tempo...” a educadora desafiou as crianças a pensarem-se enquanto agentes de mudança “O que podemos fazer?” Logo cada um, com o seu modo de entender o mundo e de produzir significados, avançou com algumas soluções: “Arranjar um protetor de água para ela (árvore) não arder”...

Falaram da importância das árvores nas nossas vidas e pintaram de seguida muitas árvores onde a beleza estética parecia querer contrabalançar as imagens do desastre por todos assistido na TV. Em cada uma das pinturas escreveram-se frases de alerta

² Para saber mais sobre o Movimento da Escola Moderna portuguesa e o seu modelo pedagógico <http://www.movimentoescolamoderna.pt/>

para que todos se lembrem da sua responsabilidade na preservação da natureza. Agora que se preparam para o Natal que se aproxima, o presépio surge carregado de árvores mostrando o significado que estas adquiriram nas suas vidas e nos seus imaginários.

Quando as crianças têm dificuldade em resolver os seus conflitos são encorajados a escrever na coluna do Diário "Não gostamos" e a adiar até a "Reunião do Conselho da Sexta-feira" a discussão sobre o incidente. Na reunião e com o apoio do Diário, as crianças falam sobre o que aconteceu, esclarecem o seu comportamento e, com o apoio do grupo e da educadora, tentam encontrar formas de evitar novos conflitos.

Identificam-se, discretamente, as fontes de conflito, o quê, onde, e como aconteceu o que se registou, sem nenhum clima de policiamento judicial, mas como quem cuida de saber atenciosamente dos sobressaltos da vida, dos que fraternalmente partilham um projeto de transformação acarinhado” (Niza, 2007, p.4).

Na preparação de uma comunicação para o seminário internacional Construir a Sustentabilidade a Partir da Infância (Melo, 2015) as crianças disseram à educadora que tipo de problemas discutiam nos conselhos de 6ª feira: “Bater; espenicar; puxar o cabelo; socar; dar murros no coração; morder; desmanchar os trabalhos dos outros...”. E como é que estes problemas são resolvidos? O grupo de crianças de Isabel Melo responde assim à questão colocada:

*Falamos cada um sobre os problemas (Inês, 5anos)
Escrevemos no combinámos e assinamos (Pedro, 4 anos)
As professoras escrevem no Diário de Grupo (Bianca, 5anos)
Assinamos o que escrevemos no Diário de Grupo
Escrevemos cartas ao presidente da Câmara (Martim, 5anos)*

(Melo, 2015)

Desde muito novas as crianças envolvem-se em atitudes discriminatórias e em conflitos. Estes podem ser excelentes oportunidades para tomar consciência e discutir os sentimentos/emoções das pessoas, as suas motivações, capacidades e direitos e também para ajudar as crianças a tomarem em consideração a diferença, a desenvolverem o raciocínio moral e a, progressivamente, irem regulando o seu comportamento em relação estreita com a comunidade de que fazem parte.

A principal ideia é que, juntos, possam passar e resolver seus problemas, falar e negociar formas que impeçam a ocorrência de problemas futuros, uma vez que as crianças são apoiadas para regular progressivamente o seu comportamento em relação à comunidade a que pertencem. As regras sociais geralmente surgem dessas discussões e são expostas na sala. Outras vezes as crianças introduzem mudanças na organização da sala (espaço ou materiais) que impedem que o problema ocorra; as crianças assumem frequentemente a responsabilidade de se ajudarem a lembrar de algumas regras acordadas e em várias conversas, terem a oportunidade de conversar uns com os outros e esclarecer o que aconteceu é suficiente para que o problema seja resolvido.

Para apoiar as crianças nesta aprendizagem são necessários/as educadores/as capazes de compreender as crianças a partir de um conhecimento profundo da condição humana, capazes de falar com as crianças de problemas complexos e aceitar as contradições do ser humano, educadores/as que compreendam e aceitem as dificuldades das crianças apostando em suas capacidades de desenvolvimento e de aprendizagem (Folque & Mello, 2015).

Projetos de intervenção

Se queremos que as crianças se envolvam de forma ativa e interventiva na sua vida, elas têm que acreditar que a transformação é possível e que elas têm o poder para mudar as condições atuais das suas vidas, sentindo-se seguras para arriscar.

O trabalho de projeto é um modo de construir conhecimento particularmente relevante para o reforço da cidadania global, uma vez que parte da identificação de problemas e mobiliza uma pequena comunidade para a sua resolução conjunta. Dentro dos diversos tipos de projeto, os projetos de intervenção são particularmente mobilizadores de uma atenção ao mundo e da participação das crianças na construção de um mundo melhor.

Também a Escala ERS-EDSEC valoriza este modo de estar ao referir, por exemplo, no item da sustentabilidade ambiental (ponto 5.3) - “As crianças participam frequentemente em projetos e em atividades de grupo, para explorar, investigar e compreender questões ambientais relacionadas com o seu quotidiano” e “As crianças são encorajadas a desenvolver um conjunto de ações, com vista a comunicar os seus esforços (e os de outros) para resolver questões ambientais” (ponto 7.2).

Em Évora muitos são os jardins de infância que incorporam esta estratégia pedagógica no seu quotidiano educativo. Na formação inicial de educadores de infância e professores do 1º CEB da UE as/os estudantes têm também que experimentar este tipo de trabalho nos contextos de estágio, pelo seu carácter formador de aprendizagens cidadãs (Folque, Leal-da-Costa e Artur, 2015).

Chamo-vos a atenção para dois artigos de autoria de duas das educadoras que fazem parte do projeto Construir a Sustentabilidade a partir da infância desde o seu início e que são interessantes exemplos desta prática de intervenção na polis. Tratam-se de situações onde a resolução de problemas implicou a interação com diversos agentes da comunidade e onde as crianças foram mobilizadoras de consciências e de melhorias na sua qualidade de vida, na sua escola e na sua cidade.

O primeiro exemplo relatado no artigo de Isabel Melo “O nosso espaço exterior: da ideia à fruição” (Melo, 2017) revela como a partir da identificação dos problemas no espaço exterior as crianças se envolveram num projeto para a sua requalificação.

“No nosso recreio há muito sol e poucas sombras. Quando caímos magoamo-nos à séria! Não temos areia para brincar com as nossas pás!”

Em reunião de grande grupo as crianças decidiram desenhar os novos espaços que queriam no recreio, para colmatar os problemas identificados. Iniciou-se então um longo processo de reformulação do mesmo, processo este que implicou reiterados contactos com a Câmara Municipal e, perante a inoperância da mesma, contactos com a Junta de Freguesia que, em despique com a Câmara, despoletou o processo.

Muitas vezes os organismos públicos não estão habituados a levar as crianças a sério, e nesse sentido é preciso educar também esses organismos e mostrar que enquanto cidadãos os seus pontos de vista têm que ser levados em consideração.

Outro projeto de intervenção na comunidade é relatado pela Fátima Aresta no artigo “A Rua é Nossa” também publicado nos CEI (Aresta, 2016).

Aquando das saídas na cidade, algumas crianças costumavam fazer comentários como: “os carros não deviam passar na nossa rua”.

No âmbito da Semana Europeia da Mobilidade, a equipa educativa do CAIE encorajou as crianças a desenvolverem diversas ações, no sentido de promover a

melhoria das suas condições de mobilidade e acessibilidade e de aprofundar assuntos como a poluição e o consumo excessivo de combustível. “A rua é minha” foi uma ação desenvolvida em parceria com a autarquia e com a Polícia de Segurança Pública. Implicou o corte temporário da circulação automóvel na rua do estabelecimento e suscitou o interesse da comunidade e da comunicação social (Godinho, 2016). As crianças levaram bicicletas e triciclos para a rua e os mais pequenos foram nos seus carrinhos de bebé e todos, em conjunto com familiares e profissionais, manifestaram-se, chamando a atenção para o problema da mobilidade e da utilização por todos do espaço público. A iniciativa foi publicada na primeira página do Jornal Diário do Sul “Crianças assinalaram dia europeu sem carros” (figura 7). A notícia foi lida na sala de jardim de infância e as crianças tiveram a oportunidade de visitar o que tinham feito e discutir o sentido das suas ações falando sobre os potenciais impactos ambientais e económicos para o futuro. Os pais ficaram mais envolvidos e motivados para colaborar na solução dos problemas de acessibilidade do CAIE. Houve uma reunião com a autarquia onde se fizeram "compromissos" mais amplos! O município está a considerar alterar as regras de trânsito e definir áreas onde os carros têm que diminuir a velocidade e dar prioridade aos peões.

Do ponto de situação à projeção do futuro

A questão que queremos ajudar a responder com este projeto é a de saber como concebemos a pedagogia da ECE que promova os conhecimentos, as capacidades e disposições das crianças pequenas para se envolver com o mundo de forma cuidadosa e responsável? Como podemos ajudar as crianças pequenas a ter poderes e ter confiança em contribuir para um mundo melhor?

Em comunidade de aprendizagem em Évora, no projeto *Construir a Sustentabilidade a Partir da Infância*, temos vindo a construir alguns caminhos que aqui partilhámos.

Assumimos uma nova visão de Escola de Qualidade: a que conecta, afeta e se envolve na resolução de problemas em conjunto.

Conscientes do percurso percorrido e dos resultados alcançados (ainda que sempre temporários) compreendemos que há ainda um longo caminho a percorrer na formação inicial e contínua dos/as educadores/as de infância e na qualificação das práticas pedagógicas das escolas e jardins de infância. Neste momento, em estreita parceria com o projeto ID-Natura prosseguimos o desafio exigente de promover a (re)ligação das crianças e dos adultos que com elas trabalham com a natureza numa relação sensível.

Na natureza tudo está ligado, cada ser vivo e não vivo coopera em rede numa miríade de ligações visíveis e invisíveis, que permite o equilíbrio homeostático deste superorganismo. Inspiremo-nos pois no património natural e na natureza, re-aprendendo o trabalho da cooperação e o cuidado de cada um e de todos os seres, rumo a um novo paradigma sociocultural e ambientalmente inclusivo e sustentável.

(In apresentação do projeto ID-Natura coordenado por Maria Ihéu)

Referências bibliográficas

- Aresta, F. (2015). *A sustentabilidade na gestão de recursos (materiais e comunitários)*. Seminário internacional Construir a Sustentabilidade a partir da Infância, 11 abril Universidade de Évora.
- Aresta, F. (2016). A rua é minha! *Cadernos de Educação de Infância*, 106, 16-19.
- Bruner, J. (1996). *Cultura da Educação*. Lisboa: Edições 70.
- Canivete, C. (2015). *Escola e famílias: fortalecer uma parceria em rede*. Seminário internacional Construir a Sustentabilidade a partir da Infância, 11 abril Universidade de Évora
- Deakin Crick (2005). Citizenship Education And The Provision Of Schooling: A Systematic Review of Evidence. *International Journal of Citizenship and Teacher Education*, 1(2), 56-75.
- Fanica, T. (2015). Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-escolar e 1º ciclo do ensino Básico - Criar laços de conhecimento, aprendizagem e afecto entre as crianças e a comunidade. Relatório de Prática de Ensino supervisionada do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º CEB, Universidade de Évora.
- Folque, M. A. (2014). *O aprender a aprender no Pré-escolar: o modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna*. (2nd Ed.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Folque, M. A. (2015). *O projeto Educação para o Desenvolvimento Sustentável na Educação de Infância em Évora*. Seminário internacional Construir a Sustentabilidade a partir da Infância, 11 abril Universidade de Évora.
- Folque, M. A. (2018). Yes we can! Young children learning to contribute to an enabling society. In Huggins, V. & Evans, D. (eds) (2018) *Early Childhood Care and Education for Sustainability: International perspectives (pp.)*. London: Routledge
- Folque, M. A. & Mello, S. (2015). Criar uma comunidade com crianças dos três aos seis anos: o desenvolvimento pessoal e social na infância. In C. Anjos & F. Ilídio Ferreira (Org.) *Infância e Educação: olhares sobre contextos e cotidianos* (pp 89-104). Maceió: Universidade Federal de Alagoas.
- Folque, M. A. & Oliveira, V. (2016). Early Childhood Education For Sustainable Development in Portugal. In Siraj-Blatchford, John, Mogharreban, Cathy, Park, Eunhye (Eds.), *International Research on Education for Sustainable Development in Early Childhood* (pp. 103-122). New York: Springer.
- Folque, M. A., Leal-da-Costa, M. C. & Artur, A. (2016). A formação inicial e desenvolvimento profissional de educadores/professores monodocentes: os desafios do isomorfismo pedagógico. In C. H. Alves Corrêa, L. I. Pessoa Cavalcante & M. Freitas Bossoli (Org.). *Formação de Professores em perspectiva*. Universidade Federal do Amazonas. (pp. 177-236). Manaus: EDUA.
- Harms, T., Clifford, R. M. & Cryer, D. (2005). *The early childhood environment rating scale: revised edition*. New York: Teachers College Press.
- Melo, I. (2015). *Aprender a resolver problemas em conjunto*. Seminário internacional Construir a Sustentabilidade a partir da Infância, 11 abril Universidade de Évora.
- Melo, I. (2017). O nosso espaço exterior: da ideia à fruição. *Cadernos de Educação de Infância*, 110, 22-27.
- Mirador, R. (2013). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré- Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico - A sustentabilidade na terra nas suas vertentes cultural e social*. Relatório de Prática de Ensino supervisionada do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º CEB, Universidade de Évora.
- Morin, E. (2000). *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Brasília: Cortez UNESCO.
- Niza, S. (2007). Editorial, *Escola Moderna*, 30 (5ª série), 3-4.

- Oliveira, V. (2015). *Educar para a sustentabilidade num mundo complexo*. Seminário internacional Construir a Sustentabilidade a partir da Infância, 11 abril Universidade de Évora.
- OMEP (s/d). The OMEP Environmental Rating Scale – Sustainable Development in Early Childhood (ERS-SDEC)
http://eceresourcebank.org/index.php?hCode=SCALE_03_01
- ONU (1987). Relatório Brundtland - Nosso Futuro Comum. Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.
- Rocha, I. (2013). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação pré-escolar: Educação e Desenvolvimento Sustentável na Infância*. Relatório de Prática de Ensino supervisionada do Mestrado em Educação Pré-escolar, Universidade de Évora.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: ME-DGE.
- Siraj-Blatchford, J., Mogharreban, C. & Park, E. (Eds.) (2016), *International Research on Education for Sustainable Development in Early Childhood*. New York: Springer.
- Teixeira, M. H.(2015). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar: Promoção da Sustentabilidade em Educação de Infância*. Relatório de Prática de Ensino supervisionada do Mestrado em Educação Pré-escolar, Universidade de Évora.
- UNESCO (2014). Roadmap for Implementing the Global Action Programme on Education for Sustainable Development. Paris: UNESCO.
<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002305/230514e.pdf>
- UNEP (2014). *United Nations environment programme: Environment for development*.
- UNESCO (2016). *Repensar a educação: rumo a um bem comum mundial?* Brasília: UNESCO.



Figura 1 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Projetos de Educação para o Desenvolvimento Sustentável na Educação de Infância – OMEP



Entrevistar crianças



Diálogos Intergeracionais para EDS



Equidade para a Sustentabilidade



Materiais de EDS para Professores

Figura 2 – Projetos da OMEP sobre EDS



Figura 3 – Publicação do projeto Education for Sustainable Development Rating Scale (Siraj-Blatchford, Mogharreban & Park, 2016)



Figura 4 – Logo do Seminário Internacional realizado a 11 de abril de 2015 em Évora



Figura 5 - Utilização dos espaços verdes da cidade



Figura 6 – Reunião de Conselho



Figura 7 – Notícia de primeira página do Projeto “a rua é minha”